

O Corpo como Texto e como Discurso (*)

ISABEL LEAL (**)

«É texto tudo o que no discurso se desprende das condições normais de comunicação e significação e funciona como uma clareira, uma zona de tréguas no interior das linguagens».

Eduardo Prado Coelho, 1974

1. Todas as ciências ditas humanas têm como objecto central o próprio homem. Em si mesmo ou nas suas relações com outros, nas suas múltiplas actividades, nas suas formas de organização e nas suas relações com a natureza. Nas suas produções específicas: a cultura e a civilização. Mas também com o sistema organizado dos símbolos, dos pensamentos e das ideias. Esquecemo-nos normalmente disto: que mesmo as ideias e correntes de pensamento, do existencialismo à física quântica, da linguística à análise infinitesimal, se inscrevem numa possibilidade exclusivamente humana e que, por isso mesmo, por mais autónoma e longínqua que pareça uma formulação de compêndio, é sempre referenciada a um corpo.

Mas, estranhamente (ou talvez não) o corpo dos homens nunca está presente nos prolixos discursos sobre o homem.

No discurso médico temos doentes e pacientes; no discurso económico temos agentes económicos, produtores, consumidores; no discurso político temos eleitores e cidadãos; no

discurso do direito temos réus, reclusos, condenados, testemunhas, etc... Somos todos, como diria Ortega Y Gasset, «nós e a nossa circunstância». Mas aquilo que existe de nós, parece que se perde nas circunstâncias, nas imensas e espantosas circunstâncias, que submergem o «nós».

Presos dos estereótipos sociais, dos valores instituídos, dos códigos linguísticos estruturantes do nosso simbólico e da nossa personalidade temos sempre que nos confrontar com a questão que é: «Afinal, o que é a nossa individualidade?».

Nós, dirão com razão, já longe do «Penso, logo existo», somos o produto único na encruzilhada de tantos discursos sobre nós, na combinação única e possível daquilo que dizem que somos, com o que julgamos ser, com o que queremos ser, com o que somos de facto (seja isso que for). O grande signo dessa individualidade é o corpo.

Nesta medida e provavelmente apenas nela o corpo, o corpo de cada um é de facto e com exactidão um texto.

Tal como qualquer texto é o que escapa à comunicação e à significação.

Tal como qualquer texto, o corpo é uma produtividade que comporta um duplo processo transformacional.

Por um lado, ganha sentido no cruzamento e no encontro com outros corpos, com outros enunciados, com outras formas (aquilo que no texto linguístico se designa por intertextualidade).

Por outro lado, tem um efeito redistributivo,

(*) Comunicação apresentada no I Seminário de Psicologia e Psicopatologia Clínica/ISPA, Lisboa, 1986.

(**) Psicóloga. Assistente no ISPA.

já que se abre para um espaço de possível construção/desmontagem dos corpos e das produções destes.

O corpo tal como o texto, e como diria ainda Eduardo Prado Coelho, «é sempre algo que procura esquivar-se às redes da economia da troca, afirmando-se pela sua inutilidade, pela sua significância irreduzível a qualquer significado, pela sua perversão desviada de qualquer mística criadora, mesmo que saiba que a inutilidade acaba sempre por ser recuperada».

O corpo é, pois, o que escapa aos discursos precisos dos saberes organizados.

O corpo é aquilo que frui, que goza, que sente e sofre à sucapa dos discursos instituídos.

Neste sentido pode-se afirmar, como Eduardo Prado Coelho a propósito do texto, a inutilidade do corpo. As partes úteis dum eventual corpo, essas estão já organizadas em saberes e discursos. O que resta é o corpo próprio de cada um que só é imprescindível para o próprio.

Entendamos o que se quer dizer.

Aqui o corpo não é referido, como convém a qualquer dicionário comum, como a parte material do homem.

Aqui o corpo é o que resta depois da normalização discursiva dos saberes organizados. É o que escapa às taxonomias em vigor.

Um homem, qualquer homem, na encruzilhada das suas circunstâncias inatas e adquiridas (hereditariedade, meio, papéis sociais, etc.), tem ou não o espaço da produtividade transformacional (ou será livre arbítrio, autonomia, liberdade?).

Nós achamos que sim (ou será desejamos?). E chamamos-lhe o corpo. Entre outras coisas, porque é hoje ponto assente a afirmação de Fedida de que «o espaço do corpo não é apenas a sua vivência somática».

Como se verifica, o corpo tal como o texto não é aqui definido pela positiva. Não se diz que o corpo é, dois pontos, e segue-se uma definição. Diz-se apenas alguns dos seus limites e traçam-se algumas das suas fronteiras.

O corpo, na medida em que é o corpo de cada um, único e particular, é obviamente o espaço da subjectividade e, por isso mesmo, indescritível e incomunicável pelos sistemas em uso, já que esses referem o que é comum e não o que é único. Referem o geral e não o

particular. E o corpo de cada um é apenas um texto particular, nem sempre especialmente interessante.

Mas é obviamente adentro dessa subjectividade que, para cada um de nós, o percebido se organiza em sentido. E, se muitos discursos podem ser feitos sobre um texto, este começa-se e acaba-se em si próprio.

2. Como técnicos das Ciências Humanas interessa-nos essa subjectividade.

Como corpos-textos essa subjectividade diz-nos respeito.

Trabalha-se sobretudo «os discursos do corpo». Os discursos que o corpo produz. Dizemos discursos e não textos, não só por partirmos do pressuposto que o corpo é o texto e não podermos chamar o mesmo nome ao todo e às partes mas sobretudo porque os sintomas quer se refiram às alterações funcionais, às lesões de órgão, às conversões somáticas de angústias fundamentais são sempre uma meta linguagem. São sempre uma segunda forma de dizer o movimento de uma pulsão. Claro que, como ensinou Freud, as pulsões não nos são acessíveis, apenas nos chega, nos pode chegar a representação da pulsão. Deste modo, quando um corpo se exprime directamente sem passar pelo mundo fabuloso que tem que ver com o simbólico da linguagem diz de si próprio o indizível. Diz aquilo que não pode ser transformado em palavras com sentido porque se pudesse sê-lo-ia e quando pode ser é-o de facto.

Uma parte da nossa tarefa, uma parte substancial é a de interpretes e tradutores de signos.

Só que esses signos mesmo que muito sistematizados se inscrevem no corpo e no discurso do sujeito. Estão nas linguagens produzidas: verbal, postural, mímica. Estão nos discursos emitidos em cada uma dessas linguagens. Estão também no sentido que fomos capazes de descobrir ou atribuir no texto constituído pelo corpo do nosso interlocutor.

3. Assentemos nesta questão básica: os discursos que o corpo produz, da carta ao amigo à manifestação de júbilo, do poema à

enxaqueca, do raspanete ao filho ao riso, da declaração de amor à neurodermite, das lágrimas à úlcera ou à paralisia histérica, são discursos na medida em que são significados de outros significantes. São discursos porque são perceptíveis como tal, e há quem tenha a possibilidade de os descodificar. Organizam-se em códigos perfeitamente autónomos, mas ainda assim perceptíveis ao nível do actual saber. Constituem, por isso mesmo, linguagens paralelas e simultâneas com outras linguagens.

É tudo isto que nos permite algum acesso ao global do texto que é o corpo.

No entanto, os discursos do corpo não são o corpo em si. Nós não somos os nossos sintomas, nem a nossa fala, nem precisamos sequer de manter a integridade total do nosso invólucro material para continuarmos a ser nós. Claro que também somos tudo isso, mas nada disso nos define.

Tal como um texto quando se retiram fragmentos do seu sentido. O texto continua a ser o texto, ainda que amputado. Entretanto, os segmentos retirados e utilizados noutra contexto nada nos dizem do texto original.

Podemos fazer quase tudo com esse fragmento, inclusive destruir-lhe o sentido original. A partir da sua deslocação do texto, o fragmento pode ser praticamente tudo, mas não é, com certeza, o texto (a não ser por um processo de metonímia).

Quero com isto dizer que o texto é uma unidade de sentido própria e única (um livro é aquele e nenhum outro, ainda que conte a mesma história, na mesma língua com o mesmo vocabulário), que não permite depois de produzido nenhum tipo de constrangimento. Constrangê-lo é destruí-lo. É acabar com a semiótica e começar com a gramática. É deixar o mundo do significante e passar ao mundo do significado. É deixar o texto e iniciar o discurso.

Com o corpo, enquanto unidade complexa, assiste-se tal como no texto a este trabalho de desconstrução e montagem.

Como Guilhon de Albuquerque explica com minúcia, o domínio da realidade é, desde tempos imemoriais, conseguida através do duplo processo de nomeação e desmontagem. Como metáfora da teoria e da prática é nomeando cada uma das partes de um objecto desmontado

e reconstruindo-o depois que os homens acreditam conhecer. Só que uma vez sujeitos a esta operação, os objectos são já diferentes porque dominados tanto na ordem das coisas como na ordem do pensamento.

Ora, ao nível do corpo também acontecem todos estes processos. Só que o corpo, porque tem de facto a dimensão do texto que tentámos explicar, não é passível deste procedimento até às últimas consequências (vide Dr. Frankenstein).

Por isso, alguns autores que se preocupam com estas questões (Louis Althusser, por exemplo) terem deslocado a interrogação epistemológica da questão da essência do conhecimento para a da sua produção.

O que é que isto quer dizer ao nível a que estamos a falar?.

Quer dizer que, para lá dos *discursos do corpo*, que nós ou outros parecidos connosco organizaram segundo taxonomias diferenciais, entidades nosológicas e referências mais ou menos directas a uma norma no pressuposto de obter a essência do conhecimento, existem os outros discursos, desta vez *sobre o corpo*, que se preocupam sobretudo com as condições da sua produção.

4. Dos discursos do corpo, julgo, fala-se bastante. Por isso gostaríamos ainda de tecer algumas considerações a propósito dos discursos sobre o corpo.

Pensamos fundamental ter em atenção que os discursos sobre o corpo são tão importantes como os discursos do corpo. São estes que fornecem a matriz cultural e o quadro de referência ideológica a partir do qual os discursos do corpo se podem desenvolver e recriar. Não seria demais insistir neste ponto, embora não seja este nem o momento nem o lugar.

Mas a que é que chamamos discursos sobre o corpo?

De uma maneira sintética diríamos que discursos sobre o corpo são todos aqueles que tendem à sua normalização e generalização.

Nesta medida, todos os ramos do saber, e especificamente as ciências sociais, têm um ou vários discursos sobre o corpo.

Existe, como dizia no início, um discurso

sobre o corpo do doente, o corpo do delinquente, o corpo do recluso. Existe um discurso sobre o corpo da criança, o corpo da mulher, o corpo do homem...

Dos discursos feministas (obviamente também relacionados com o corpo) aos discursos sistémicos, por exemplo de um Morin (em que o corpo é um complexo gerador-regenerador), passando, por exemplo, pela máquina-desejante que é o corpo na espantosa concepção Deleuziana, até aos diferentes discursos do paradigma psicanalítico (paradigma no sentido que a epistemologia Kuhniana lhe concede) ou aos também diferentes discursos do paradigma behaviorista, estamos sempre em presença de discursos sobre o corpo.

Central, no entanto, absolutamente central nos discursos sobre o corpo são os discursos sobre a sexualidade.

5. Não é sequer difícil de perceber porque é que os discursos sobre a sexualidade são centrais, quando se pretende um discurso sobre o corpo.

Pensou-se, alguém pensou, que se chegava finalmente ao corpo se se investigasse, se se conhecesse com minúcia e exactidão os mecanismos da sexualidade humana. Sobre este tema a produção é tão vasta e tão divulgada que nem vale a pena mencionar. Espantosamente, aquilo que Freud inaugurou modernamente com a sua concepção do desenvolvimento psicosexual e com a sua formulação do corpo libidinal, não foi um novo discurso sobre o corpo, mas antes um novo registo da prática discursiva (no sentido de Foucault). Como Foucault ensaia de demonstrar, o discurso da sexualidade na era vitoriana era, provavelmente, mais central ainda que na actualidade.

Não havia verbalização sobre praticamente nada que referenciasse o sexo, mas todas as outras linguagens possíveis lá estavam a gritá-lo. Era a pastoral cristã fazendo do sexo aquilo que tinha de ser confessado, eram os médicos

e os pedagogos condenando-o como malefício, eram os próprios colégios de ensino na sua arquitectura em que tudo, do dormitório ao espaço da aula, do regulamento aos castigos falavam de uma sexualidade que era necessário reprimir. Passou-se assim, mais uma vez na história do homem, de um registo de discursos sobre o corpo em que a sexualidade era reprimida para outro em que era permitida. Mas, na medida em que continuou discurso e fez proliferar à sua volta muitos mais discursos, a sexualidade continuou a ser um discurso distante do corpo.

Passou a ser conhecimento organizado em fascículos no discurso médico, no discurso legal, no conceito heurístico que é o senso comum.

Normalizou-se e generalizou-se. Entrou, por isso, no domínio do político, que regulamenta o aborto e a anticoncepção e se pronuncia, por exemplo, sobre a população e os seus níveis de natalidade, determinando os níveis de expansão demográfica óptimos.

Parece afinal que nem mesmo o discurso sobre a sexualidade atinge o corpo do homem. O que é que o atingirá? Como é que lá se chega? Será necessário chegar?

Preferimos ficar por estas questões e sugerir que é bonito o paradoxo que Barthes nos oferece quando diz: «O prazer do texto é o momento em que o meu corpo vai seguir as suas próprias ideias — porque o meu corpo não tem as mesmas ideias que eu.»

BIBLIOGRAFIA

- Albuquerque, G. (1980). *Instituições e poder*. Graal, Biblioteca de Filosofia e História das Ciências.
- Barthes, R. (1974). *O prazer do texto*. Lisboa: Edições 70.
- Coelho, E. P. (1974). *Introdução a «O prazer do texto» de Roland Barthes*. Lisboa: Edições 70.
- Foucault, M. (1977). *A vontade de saber — História da sexualidade I*. Lisboa: Edições António Ramos.
- Leal, I. (1984). *Pouvoir et psychisme - Un étude psychanalytique*. Mémoire de licence complémentaire, Louvain-la-Neuve.